

QUE MAUS COSTUMES REINAM NA MACEDÔNIA: ALEXANDRE COMO MODELO E ANTIMODELO NA BIOGRAFIA PLUTARQUIANA

Lucas Ferreira da Silva¹

Resumo: Pretendemos aqui uma análise retórica das anedotas presentes na biografia de Alexandre da Macedônia escrita por Plutarco de Queroneia. Acreditamos que, através destas anedotas, o biógrafo faz ao seu leitor o pedido de que desenvolva sua moral ao seguir, ou não, os exemplos dados pelas atitudes do biografado. Em nossa análise, recorreremos principalmente às ideias de Joaquim Pinheiro (2008) e Chaim Perelman (1987) para uma compreensão dos modelos retóricos que Plutarco utiliza.

Palavras-chave: Plutarco; Alexandre; Mundo Helenístico; biografia antiga; retórica

HOW PERVERSE CUSTOMS ARE IN MACEDON: ALEXANDER AS A MODEL AND ANTI-MODEL IN THE PLUTARCHIAN BIOGRAPHY

Abstract: What we intend here is a rhetorical analysis of the anecdotes present in the biography of Alexander of Macedon written by Plutarch of Chaeronea. We believe that, through these anecdotes, the biographer requests his readers to develop their morals by following, or not, the examples given by the character's attitudes. In our analysis, we used mainly the ideas of Joaquim Pinheiro (2008) and Chaim Perelman (1987) for an understanding of the rhetorical models that Plutarch uses.

Keywords: Plutarch; Alexander; Hellenistic World; ancient biography; rhetoric

O biógrafo e seu público

Plutarco nasceu em Queroneia, província do Império Romano, em 46 d.C. Aos 20 anos, estudava no Egito, sob orientação de Amônio de Lâmprias. Mais tarde, passa a escrever tratados filosóficos e biografias. No fim de sua vida, servia como sacerdote do oráculo de Delfos (SILVA, 2006, p. 24-26).

Aqui, iremos nos ater a uma das cinquenta biografias escritas pelo biógrafo e filósofo. A *Vida de Alexandre*, nossa fonte, foi escrita em par com a de Júlio César², e, como o próprio biógrafo anuncia no preâmbulo da obra, tem seu foco no caráter do rei macedônio e nas histórias que poderiam melhor ressaltar seus predicados.

¹ Graduando em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, vinculado ao Núcleo de Estudos e Referências da Antiguidade e do Medievo – NERO-LEIR. Realiza pesquisa sobre os temas Mundo Helenístico e biografias plutarquianas. E-mail:

² A maioria das biografias plutarquianas foi escrita em par, a respeito de um ilustre grego e um ilustre romano. Ao final, o biógrafo oferecia uma comparação entre as duas *Vidas*. A comparação entre Alexandre e César, no entanto, não chegou até nós.

A audiência de Plutarco tem sido alvo de debate na historiografia, sendo difícil chegar a um consenso. Neste ponto, concordamos com a ideia de Philip Stadter, que acredita que Plutarco falava para homens, que, assim como ele, faziam parte da elite política romana, possuíam bastante tempo livre e aspiravam elevar sua moral (STADTER, 1998, p. 292). Nesse sentido, suas biografias seriam um referencial da moral de grandes homens do passado, a partir do qual Plutarco e seus contemporâneos poderiam ter modelos a emular para alcançar uma moral mais elevada.

Modelo e antimodelo através das anedotas

Em nossa discussão, procuramos identificar como as anedotas que Plutarco usa para ilustrar o caráter de Alexandre refletem a moral do rei. Como demonstra Joaquim Pinheiro, o uso de anedotas para construir um retrato psicológico (PINHEIRO, 2009, p. 214) não é exclusivo da biografia de Alexandre, e sim algo recorrente em outras obras de Plutarco.

Pinheiro também nos diz que as anedotas tinham um reconhecido valor pedagógico na Antiguidade, e, na biografia, completam a argumentação e apoiam a construção do perfil ético-moral do biografado:

[...] por exemplo, na biografia de Alexandre, detendo-se mais no perfil psicológico e ético dos protagonistas e narrando, por vezes com um tom dramático, as suas emoções e os desejos (*pathe*), em detrimento da *pragmatike historia*, uma vez que a metodologia histórica é, para o autor, um meio para o objectivo central: aprofundar o *ethos* do indivíduo, dando a anedota um contributo importante na elaboração, por vezes, idealizada do relato dos feitos do biografado ou da sua própria *physis* (PINHEIRO, 2009, p. 214).

Para José Pedro Serra, o foco dado por Plutarco às anedotas que refletem o caráter de Alexandre está ligado a uma tentativa de educação pelo exemplo, que, para o autor, está baseada numa apresentação “viva do homem que encarna a virtude a ‘imitar’ ou o vício a evitar” (SERRA, 2002, p. 94).

O autor também entende que o exemplo e os modelos estabelecidos pela sociedade não suscitam uma imediata “imitação” das atitudes louváveis ou um afastamento dos vícios, mas que se dirigem primeiramente à inteligência, através da qual a “luz da virtude” deverá moldar o pensamento e a ação de acordo com o que o exemplo recomenda (SERRA, 2002, p. 94-95).

Tendo em mente que a anedota é um dos principais pontos da retórica e da construção da moral na biografia plutarquiana, tentamos entender como as mesmas se encaixam no conceito de argumento por exemplo, de Chaim Perelman.

Perelman descreve o argumento por exemplo como um dos que “fundamentam a estrutura do real”. Este tipo de argumento deve, portanto, estabelecer regras para que determinados resultados sejam alcançados através da repetição de um modelo. Junto com o modelo, deve haver um antimodelo, a ser evitado para que não se chegue a resultados indesejados (PERELMAN, 1987).

Entendemos, então, que, na biografia de Alexandre, o rei desempenha, por vezes, ambos os papéis, sendo em alguns momentos o espelho da moral almejada pelos contemporâneos de Plutarco, e, em outros, o exemplo perfeito do que não se deve fazer para ser um homem de elevada moral.

Não só Alexandre desempenha estes papéis, mas também as outras personagens por vezes servem como exemplos do que fazer, ou não. As anedotas acabam por envolver figuras recorrentes, como Olímpia, mãe de Alexandre, e Heféstion, um de seus mais próximos companheiros. Assim, deixam transparecer uma construção moral também destas personagens secundárias, que acabam por construir, junto com Alexandre, os modelos e antimodelos da obra.

As atitudes de Alexandre para com as personagens secundárias também são um retrato de seu alinhamento moral. Por exemplo, como afirma Karin Blomqvist, Alexandre é louvado por, – apesar de ser um filho amoroso e generoso com sua mãe –, não ceder facilmente aos caprichos de Olímpia, que Plutarco descreve como uma pessoa ciumenta, cruel e irascível (BLOMQVIST, 1997, p. 90-91). O mesmo não pode ser dito, no entanto, de outros biografados, que facilmente se deixam seduzir ou convencer por mulheres de intenções e caráter duvidosos³.

Análise de anedotas da *vida de Alexandre*

Posto isso, seguiremos para uma análise de passagens da biografia de Alexandre que nos permitam identificar os pontos onde o rei é posto enquanto modelo e aqueles onde suas atitudes se encaixam no antimodelo.

³ BLOMQVIST, 1997, p. 91: “*she [Olímpia] did not succeed entirely in managing Alexander into acting on her will as Antony had acted upon Cleopatra’s will and Pericles upon Aspasia’s.*”

Como nos lembra Serra (2002, p. 96), o episódio em que Alexandre recepciona embaixadores persas no lugar de seu pai (Plut. Alex. 5), deixando-os maravilhados com sua prudência e discernimento desde tão jovem; bem como a anedota na qual Alexandre, desdenhando do próprio pai e de seus companheiros pela falta de coragem, consegue domar sozinho o cavalo Bucéfalo (Plut. Alex. 6), são reflexos de que o rei estaria destinado a grandes feitos desde a juventude.

Encorajado por seu pai a buscar um reino à altura de sua ambição⁴, Alexandre viria a se tornar cada vez mais desejoso de conquistas próprias que pudessem lhe trazer honra e reconhecimento. Não buscava viver à sombra de Filipe, seu pai, ou mesmo comandar um reino que fosse herdado, mas conquistar tudo o que viria a chamar de seu (Plut. Alex. 5).

Sabendo de seu plano de fundo grandioso, se procuramos a ideia de um Alexandre “modelo”, encontramos na fonte anedotas que possivelmente refletem as qualidades que Plutarco buscava ressaltar enquanto admiráveis para um rei, e, portanto, emuláveis.

Uma das características para a qual o biógrafo mais chama atenção no decorrer da obra é a generosidade aparentemente sem fim de Alexandre, manifestada de diversas formas ao longo da narrativa, desde atos de benevolência com inimigos e até mesmo uma certa “filantropia”.

Um bom exemplo da gentileza e bondade de Alexandre é a história que Plutarco conta a respeito das mulheres da família de Dario, rei da Pérsia e inimigo de Alexandre. Após a fuga de Dario durante a Batalha de Isso⁵, Alexandre é informado de que a esposa, a mãe e as duas filhas de seu inimigo foram encontradas entre os prisioneiros.

Abalado com a desgraça das mulheres, o rei teria lhes permitido enterrar seus mortos com roupas que poderiam escolher do butim. Também lhes prometeu que viveriam com as mesmas honras a que estavam habituadas, sendo resguardadas dos olhares de seus soldados. As mulheres viveriam como sacerdotisas num templo, e não como num acampamento de guerra inimigo (Plut. Alex. 21).

A passagem também reflete o comedimento de Alexandre em relação aos prazeres do corpo, ideia que é apresentada no começo da obra (Plut. Alex. 4). Plutarco nos diz que a esposa de Dario, Estatira, era a princesa mais bonita da Ásia, e que Dario também era

⁴ Plut. Alex. 6. “Meu filho, procura um reino à tua medida, a Macedônia não é suficientemente grande para ti.”

⁵ Plut. Alex. 21. A batalha de Isso foi o primeiro confronto entre Alexandre e Dario, ocorrido em 333 a.C.

um homem de grande beleza. As filhas do casal, segundo o biógrafo, lembravam seus pais e, mesmo assim, Alexandre não tomou para si nenhuma das mulheres, o que seria natural para uma realidade onde o estupro era um instrumento de guerra.

Quando descobre que Dario teria sido capturado por Besso, sátrapa⁶ da Bácia, Alexandre dispensou parte de seu exército, enviando seus soldados de volta à Grécia com um bônus de dois mil talentos além do pagamento usual (Plut. Alex. 42), uma generosa recompensa pela extensa jornada na qual teriam acompanhado o rei em busca de Dario.

Outros atos de filantropia também acontecem ao longo da obra. Alexandre não via problemas em distribuir presentes para seus amigos, o que era desaconselhado por sua mãe. Certa vez, chega a dar parte de seu ouro a um soldado que o carregava, cansado, dizendo que não esmorecesse, pois, aquele ouro agora lhe pertencia (Plut. Alex. 39).

O tratamento dado ao rei persa quando de sua morte não foi menos honroso daquele dado à sua família após a Batalha de Isso. Alexandre invade o acampamento de Besso com apenas sessenta homens, à procura de Dario. Plutarco narra, então, que o rei persa foi encontrado por um soldado macedônio em uma carroça, com flechas por todo o corpo, prestes a dar seu último suspiro.

Como narra o biógrafo, Dario pediu ao soldado que lhe desse água, e quando este o fez, disse-lhe que não poderia pagar pelo seu serviço, mas que Alexandre com certeza o recompensaria. Disse ainda que os deuses recompensariam o rei macedônio pela cortesia que este teve com sua mãe, esposa e filhas (Plut. Alex. 43).

Ao encontrar Dario morto, Alexandre fica enlutado e abalado pela morte do rei por um de seus próprios sátrapas, e teria coberto o cadáver com seu próprio manto. Posteriormente, providencia que Besso seja morto por sua traição e envia o corpo de Dario à sua mãe. Quanto ao irmão do rei persa, Exátres, admitiu-o entre seus companheiros (Plut. Alex. 43).

O respeito de Alexandre pelo rei da Pérsia, seu inimigo, bem como pelo luto de sua família, fica evidente nesta anedota. Também salta aos olhos a vingança pela traição de Besso, que teria morrido de maneira brutal, por sua traição a Dario. Fica evidente que, para a Alexandre, a honra, o respeito e a lealdade estão acima de tudo, inclusive de conquistas e vitórias.

⁶ A satrapia era um sistema de administração de território da Pérsia antiga, no qual o rei designava um homem de sua confiança para o cargo de sátrapa, devendo este manter a ordem e a segurança na terra para a qual foi designado a guardar. Após a conquista de Alexandre, este sistema foi mantido. Ver: LIVERANI, Mario. *Antigo oriente: história, sociedade e economia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

Quanto ao irmão de Dario, que Alexandre admitiu entre os companheiros, foi um dos muitos bárbaros que se juntaram a campanha do rei. A atitude benevolente e conciliadora de Alexandre para com seus inimigos, no entanto, não era bem aceita pelos seus companheiros macedônios, e viria a ser, inclusive, a causa da morte de um de seus amigos mais próximos, e, como Plutarco dá a entender em seu subtexto, a razão principal do declínio da moral do rei.

Após a morte de Dario, as anedotas ganham um outro tom, e passam a nos apresentar uma série de infortúnios causados pela cólera do rei, e Alexandre passa cada vez mais a encarnar o que entendemos como “antimodelo”. Destes momentos, o principal seria o assassinato de Clito, seu companheiro (Plut. Alex. 50-51).

Plutarco diz que, durante um banquete, Clito teria se irritado com uma canção que desdenhava de soldados macedônios que haviam recentemente perdido uma batalha contra os bárbaros. Alexandre, sentado provavelmente à companhia de bárbaros, parecia se divertir com a canção e, apesar do incômodo causado não só a Clito, mas a outros soldados presentes, o rei ordenou ao cantor que continuasse.

Clito se enfureceu e declarou ao rei que não era justo que os soldados macedônios fossem insultados na presença de bárbaros e inimigos, pois, mesmo que tivessem encontrado um infortúnio na batalha contra os bárbaros, ainda eram mais dignos do que aqueles que riam.

O rei não aceitou as críticas vindas de seu companheiro e lhe retrucava a cada nova acusação. Clito teria dito, entre outras coisas, que graças ao sangue derramado pelos macedônios, Alexandre teria se tornado tão grande que agora renegava seu pai, Filipe, e se dizia filho de Amon⁷. Esta declaração enfureceu o rei, que começou a perder o controle de sua raiva e agora já gritava com Clito, perguntando-lhe se achava mesmo que poderia se referir ao rei desta forma e criar problemas entre os macedônios sem que pagasse por isso.

Clito lhe disse então que o pagamento dos macedônios era serem espancados pelos bastões dos medos e terem que implorar aos persas por uma audiência com seu próprio rei. Alexandre teria então perdido o controle de sua raiva e, após atirar uma maçã em Clito, buscou por sua lança, sem encontrá-la. Enquanto seus amigos levavam com custo

⁷ Durante sua estadia no Egito, Alexandre visitou o oráculo de Amon, e, desde então, alegava ser filho deste deus, que era identificado como Zeus no Egito. Havia também rumores de que Alexandre seria, na verdade, filho do deus Dionísio, do qual sua mãe era sacerdotisa. Ver: CARNEY, E. *Olympias: mother of Alexander the Great*. Routledge: 2006.

Clito para outra sala, Alexandre chamava por seus guardas e ordenava ao trompetista que soasse o alarme, agredindo-o quando este se recusou a obedecer⁸.

Logo depois de ser retirado do salão, Clito voltou por outra porta, recitando de forma desdenhosa o verso da *Andrômaca* de Eurípedes: “Ai, que maus costumes reinam na Grécia!”⁹, o que foi, para Alexandre, o estopim. O rei tomou uma lança de um de seus soldados e atravessou-a em Clito quando este passava pela cortina da porta. Sua fúria desapareceu no momento em que Clito caiu morto ao chão, e, como Plutarco nos conta, não fosse pela agilidade de seus soldados em tirar-lhe a lança, Alexandre a teria usado para compartilhar do destino de seu companheiro.

O biógrafo nos diz que Alexandre se arrependeu amargamente de ter cedido ao impulso da raiva, tendo passado o restante da noite e todo o dia seguinte isolado em sua tenda chorando pelo que fez (Plut. Alex. 52). Essa, no entanto, não foi a primeira vez que Alexandre causou a morte de seus companheiros. Pouco antes deste acontecido, alguns de seus companheiros foram acusados de organizar um motim contra o rei, e este ordenou que Heféstion os matasse (Plut. Alex. 49).

Após a morte de Clito, Alexandre também teria ordenado que fosse preso Calístenes, sofista que acompanhava a expedição e que demonstrava descontentamento com o rei. O sofista foi acusado de organizar um outro motim contra o rei e, apesar de somente um dos envolvidos ter lhe acusado e, ainda assim, sem provas muito contundentes, o sofista morreu após sete meses preso enquanto aguardava um julgamento pelo Conselho da Liga de Corinto¹⁰.

O descontentamento dos companheiros com o rei é descrito por Plutarco de maneira proporcional ao declínio da moral do mesmo. Conforme a obra avança, Alexandre adquire um tom cada vez mais sombrio. O rei passa a ceder cada vez mais facilmente a seus impulsos irascíveis, e, segundo o biógrafo, torna-se cada vez mais

⁸ Se tivesse obedecido, o trompetista teria posto todo o acampamento em alarde. Sua atitude é louvada por Plutarco, bem como a do soldado que escondeu a lança de Alexandre.

⁹ Uma alusão a EURÍPEDES, *Andrômaca*, 693. Na peça, ao dizer tais palavras, Peleu está lamentando que Menelau, o comandante, tome para si as honras de seu exército. Clito insinua que Alexandre faz o mesmo com os macedônios enquanto os pretere e torna-se cada vez próximo dos bárbaros, a quem oferece cargos e honras cada vez maiores.

¹⁰ Plut. Alex., 52-55. Dentre as críticas de Calístenes ao rei, o que mais chama atenção é a recusa do sofista em se prostrar a Alexandre. A prostração era um costume bárbaro que o rei introduziu em sua corte, mas que nunca foi totalmente aceito pelos macedônios. Sobre os conflitos entre Alexandre com o sofista, que culminaram na morte deste, ver: BROWN, Truesdell. Callisthenes and Alexander. *The American Journal of Philology*, v. 70, n. 3, p. 225-248, 1949.

impaciente e propenso à cólera, conseqüentemente tornando-se temido pelos próprios companheiros¹¹.

Plutarco diz que, mesmo durante julgamentos, que antes fazia com máxima calma para não dar juízos injustos, o rei passa a perder a paciência diante a primeira denúncia de injúrias contra si (Plut. Alex. 42). Alexandre se mostra, então, cada vez mais colérico e egocêntrico, e há momentos em que parece abusar de sua posição de governante.

Para o público, Plutarco parece enviar a mensagem de que não repita tais faltas e que trabalhe para desenvolver as qualidades opostas a essas atitudes, como a própria generosidade de Alexandre. Em seu subtexto, Plutarco enseja que seu leitor siga pelo caminho da moral que Alexandre demonstrava ter potencial para trilhar no começo da obra, sem cometer o erro de ceder aos impulsos e à ira.

Sobretudo, podemos concluir que, para Plutarco, os laços cada vez mais estreitos com os bárbaros¹² fizeram com que o rei perdesse cada vez mais o contato com suas raízes de elevada moral. O biógrafo nos mostra como o que antes era um prodígio, dotado de grandes ideais de honra e virtude, paulatinamente se transforma num rei egocêntrico, desdenhoso daqueles que o apoiaram e lhe possibilitaram suas vitórias, e que não hesitaria em matar seus próprios companheiros caso estes lhe contrariassem.

Alexandre, de fato, conquistou um reino à sua altura, como lhe recomendou seu pai. O custo, segundo Plutarco, foi a admiração de seus companheiros e o sacrifício de sua moral, ao ponto que pôde ser comparado a Menelau por um Clito que já havia perdido sua paciência com os maus costumes do rei do império macedônio.

¹¹ Plut. Alex., 49: “Estas ações fizeram Alexandre temido por muitos de seus amigos”; 57: “A essa altura, ele já era temido por seus homens por sua severidade implacável em punir qualquer negligência ao dever”.

¹² A respeito do processo de adoção aos costumes bárbaros por parte de Alexandre e como esta mudança de hábitos refletiu em sua relação com seus soldados, bem como a maneira como foi recebida por vários autores antigos, ver: BIAZOTTO, Thiago do Amaral. *Sob o signo do Grande Rei: a barbarização de Alexandre Magno em Diodoro Sículo, Quinto Cúrcio, Plutarco e Arriano*. Dissertação de mestrado. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp – Campinas, 2016.

Referências documentais

PLUTARCH. **Lives**, Volume VII: Demosthenes and Cicero. Alexander and Caesar. Harvard University Press, 1919.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas**. Introdução e notas de Paulo Matos Peixoto, tradução de Gilson Cesar Cardoso, Paumape, 1991, 5 v.

Referências bibliográficas

CARNEY, Elizabeth. **Olympias: mother of Alexander the Great**. Routledge, 2006.

DUFF, Timothy E.; SCOTT-KILVERT, Ian; PLUTARCH. **Plutarch: the age of Alexander**. London: Penguin, 2012

FERREIRA, José Ribeiro (org.). **Actas do Congresso Plutarco Educador da Europa**, Porto, 2002.

MOSSMAN, Judith M. **Tragedy and epic in Plutarch's Alexander**. The Journal of Hellenic Studies, v. 108, p. 83-93, 1988.

_____. (Ed.). **Plutarch and his Intellectual World**. The Classical Press of Wales, 1997.

OLIVEIRA SILVA, Maria Aparecida de. **Plutarco Historiador: Análise das biografias espartanas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

PELLING, Christopher BR. **Plutarch's method of work in the Roman Lives**. The Journal of Hellenic Studies, v. 99, p. 74-96, 1979.

_____. **Plutarch's adaptation of his source-material**. The Journal of Hellenic Studies, v. 100, p. 127-140, 1980.

PINHEIRO, Joaquim. **O efeito retórico das histórias anedóticas na biopsicografia de Plutarco**. JoLIE, journal of linguistic and intercultural education, v. 2, p. 213-220, 2009.

STADTER, Philip. **The Proems of Plutarch's Lives**. Illinois Classical Studies, v. 13, n. 2, p. 275-295, 1988.